

CIDADE, IMAGENS E POLIFONIAS: REVERBERAÇÕES URBANAS

Victor Tinoco Delgado - Mestrando em Psicologia – PPGP/UFF – Niterói/RJ.
victor.tinoco@hotmail.com

Roberto Novaes de Sá - Professor Associado do PPGP/UFF – Niterói/RJ.
robertonovaes@psicologia.uff.br

1 – INTRODUÇÃO

Trazer para o campo da psicologia a discussão sobre a cidade como um âmbito de importantes questionamentos, faz parte, já há algum tempo, do trabalho desenvolvido por James Hillman. O autor, que tem como influência principal a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, nos apresenta a noção de *anima mundi*, onde o mundo tem vida e alma, possibilitando uma compreensão do psíquico mais ampliada e traduzindo de forma mais coerente e precisa a experiência existencial do homem. Inclui em suas análises a urbanidade, os objetos do mundo, a política, a lógica de funcionamento do mercado capitalista, a arquitetura das cidades e as instituições, elaborando uma hermenêutica desses eventos como expressões e sintomas da *anima mundi*.

Reconhecer a alma do mundo é também reconhecer que a história do homem é inseparável da história das cidades, da construção dos espaços onde se constitui a existência humana. Hillman nos convida a refletir sobre as interfaces dos objetos do mundo de uma outra perspectiva, onde a apresentação sensorial do objeto surge como o evento que desvela seus sentidos, sua imagem interior. Incluir essa tarefa de observação nos olhares da psicologia é algo que exige algumas revisões epistemológicas da própria construção da psicologia como ciência. Investigamos aqui as contribuições que a psicologia poderia prestar para a compreensão e o cuidado da alma do mundo, da vida urbana nas cidades. Revisar sua perspectiva com relação ao mundo e sensibilizar-se ao que nos conclama de fora, ao que nos comunica as cidades, suas aparências, seus encontros, suas narrativas que do nosso ponto de vista, se misturam com os fluxos narrativos individuais, seriam talvez o ponto de partida para essa compreensão. As cidades anunciam-se sob suas formas, suas aparências, suas imagens, significados, assim como sob os seus objetos. Cada aspecto que se evidencia em suas representações, revela a alma em seu aspecto imaginativo.

Carl Gustav Jung em seus estudos sobre a tradição, aponta que as dimensões do inconsciente ultrapassam as imediações da psique unicamente individual. Essas colocações de Jung e as contribuições de Hillman, que transcendem a clínica quando enfatiza a psicologia arquetípica como um movimento cultural - uma hermenêutica que instaura o imaginário - nos permite uma forma de compreensão da clínica psicológica como algo que não deve estar especificamente referido à realidade psicológica e individual.

Propomos, dessa forma, uma tematização do mundo e das cidades que nos atravessam e nos afetam, numa atitude clínica que assuma que o mundo está vivo; que a angústia, a depressão, o medo, as vertigens, as compulsões não sejam vistos apenas como efeito de desequilíbrios neuroquímicos ou circunstancialmente individuais, mas que ampliemos nossa escuta às vozes que reverberam das cidades, da cultura, das ruas, das instituições, das relações do homem com a cidade.

Será que a terapia questiona nossos sentimentos com relação ao mundo? Sobre o que sentimos quando experienciamos nossas cidades, suas artérias e veias modernas? Pelo que somos afetados quando transitamos pela cidade? Quando atravessamos uma rua, o que também nos atravessa e nos causa afetação? Sobre as imagens, os significados e os sentidos que as cidades nos provocam? Pelo contrário, não vemos a clínica sintonizada com alma, com o fluxo de almas que atravessam as cidades. É fato comprovado que uma grande parcela do stress e de outros transtornos psicológicos está intrinsecamente relacionada com os distúrbios estéticos do meio ambiente – trânsito, aglomerações, poluições de todos os tipos, violência, hipercomunicação – ou seja, uma grande parcela dos distúrbios psicológicos tem origem em um campo psíquico de relações coletivas. Psique e cidade constituem paulatinamente uma rede complexa que juntas sofrem com os sintomas da vida contemporânea.

Partindo do pressuposto de uma inseparabilidade entre corpo e alma, iremos a seguir nos ater acerca das origens e das relações que se estabeleciam entre o homem arcaico e o mundo que o circundava, pontuando as características das cidades e das experiências desse homem e, mais adiante, do homem contemporâneo com a cidade. Remontando as antigas civilizações, encontramos nas crenças, nos símbolos, nos mitos e na religião, o modo como o homem antigo experienciava e se relacionava com cidade. O mito era vivido na cidade, havia uma relação de comunhão entre o homem e a cidade habitada pelos deuses, um imaginário atravessado pela experiência nas cidades como entidades sagradas, como uma associação religiosa e política entre as famílias e as tribos. Em seguida, tentaremos apresentar de forma mais sistemática a noção de *anima mundi* e algumas de suas especificidades apresentadas por Hillman.

2 – ORIGENS DA CIDADE ANTIGA

Na história das antigas civilizações ou nos chamados tempos históricos, a família surge como primeira forma de configuração de sociedade que se estendia a inúmeros componentes. Cada uma dessas famílias tinha seus deuses domésticos e só lhes eram permitido adorar somente as suas respectivas divindades. Contudo, algumas dessas famílias ou sociedades iniciais uniram-se formando grupos para celebrar cultos religiosos que tinham em comum. A essa união, deu-se o nome de *cúria* ou *frátria*. Surge então a comunhão e o culto a um deus coletivo, uma divindade superior em substituição a divindade doméstica. A *frátria* e a *cúria* surgem com a expansão das idéias religiosas, como habitações sagradas onde eram erigidos o altar, o fogo sagrado e o culto. Para ser admitido pela *frátria*, era indispensável que o indivíduo fosse filho de união legítima entre seus membros, pois se acreditava que a religião fosse transmitida consanguineamente.

As *frátrias* e as *cúrias*, da mesma forma que as famílias, tinham suas organizações - divindades, cultos, sacerdotes, justiça e governo - que se expandiram gradativamente configurando outra formação: a *tribo*; que herdou da família e da *frátria* a mesma divindade e as mesmas formas de governo. As *tribos* eram sociedades independentes e hierárquicas, não haviam outras formas de poder sobre elas, eram soberanas. Cada *tribo* tinha sua jurisdição e seu tribunal os quais seus membros eram submetidos.

Percebemos inicialmente, a presença de duas formas religiosas nos tempos históricos: na primeira, os mortos eram considerados divindades sagradas; para os gregos essas divindades eram chamadas deuses subterrâneos, para os romanos, deuses manes. Para esses povos, a morte não interrompia a condição humana do indivíduo, daí a origem e o motivo dos rituais onde as famílias levavam aos túmulos alimentos e

sacrifícios. “Ofereciam-lhes leite, vinho, óleo, perfumes e imolavam-lhes uma vítima” (Coulanges, p.20). Vemos esses cultos aos mortos também presentes em outras civilizações – helenos, latinos, sabinos e etruscos – além dos povos hindus que também mantiveram a tradição desses rituais de culto aos antepassados. Neste momento histórico, a religião tinha como objeto de devoção a alma humana e a família como primeira forma de governo.

A segunda forma religiosa presente nesse mesmo período, tinha como inspiração os deuses na natureza física, os costumes da vida na época estavam imersos numa inseparabilidade entre o homem e a natureza. Havia uma relação de contemplação e ao mesmo tempo de respeito com a natureza, responsável pela vida humana e pela cidade. Essa religião inspirada nos fenômenos da natureza e nos objetos externos sofreu modificações no curso das civilizações, mas prevalecendo sua autoridade e poder sobre a vida dos homens, enquanto a primeira – de culto aos mortos – desapareceu no tempo juntamente com suas práticas.

As primeiras formações das cidades antigas davam-se da aliança entre as *frátrias*, as *famílias* e as *tribos* também em comunhão a um culto em comum. A cidade surge como santuário dos povos antigos, sua fundação como um ato religioso. Percebemos na história das cidades que os avanços dessas primeiras sociedades estavam relacionados com a religião, porém não poderíamos afirmar que a expansão das idéias religiosas foram responsáveis pelo progresso social, mas apenas que ocorreram num mesmo movimento. “A idéia religiosa foi, entre os antigos, o sopro inspirador e organizador da sociedade” (Coulanges, p.143).

A cidade era fundada de uma só vez, em um só dia, independente do crescimento da população, das construções e do tempo. O primeiro passo para sua fundação era a escolha do lugar onde esta ocuparia. Utilizava-se um sistema de orientação cosmológico que revelava ao homem primitivo o local onde deveria ser erguido o espaço sagrado. Entre os gregos, a localização onde seria construída urbe era revelada pelo oráculo de Delphos.

Os rituais religiosos estavam também presentes na fundação das cidades. Os sacerdotes ofereciam sacrifícios aos deuses invocados no momento da fundação da urbe, convocados a habitarem a nova cidade assim fundada junto à população. Os rituais de fundação compreendiam sacrifícios e orações aos deuses ao redor do altar sagrado, e posteriormente, eram delimitados os limites de habitação da nova urbe. A cidade como espaço sagrado a fazia singular, o espaço o qual se constituía se destacava do espaço profano. Identificamos a cidade antiga como um ambiente de habitação e experiência do homem com o sagrado, havia uma intenção de eternidade da existência da urbe.

3 - A CIDADE COMO “CENTRO DO MUNDO”

Mircea Eliade (1998), nos apresenta as cidades e as experiências que se faziam destas como construções que se deram a partir de modelos arcaicos ou arquetípicos. Neste sentido, a perspectiva histórico-etnológica do autor se aproxima bastante da noção de arquétipo desenvolvida por Jung, já que ambos os autores apropriaram-se dessa noção desenvolvida inicialmente também por Lévy-Bruhl. Esse dado intercessor entre os autores, dá margem a criação de um campo de investigação o qual configura um dos aspectos constituintes de nossa pesquisa – a experiência do homem com a cidade. São ricas e extensas as contribuições de Eliade nesse campo de pesquisa, no nosso caso, buscaremos investigar mais especificamente essas representações arquetípicas dentre as civilizações orientais.

O autor nos apresenta a idéia de “construção” do espaço sagrado como um espaço geográfico que se localiza no centro do mundo, dentre essas construções estão os santuários, as casas, as aldeias e as cidades. Como descrito anteriormente, sua localização era revelada por uma divindade ou por rituais que o determinavam. A construção do espaço demarcava um espaço limítrofe entre o espaço sagrado e o espaço profano, um espaço organizado a partir de um centro onde suas demarcações geográficas o protegiam do caos e das ameaças que o irradiavam.

A idéia de um centro como ponto de partida para a construção de uma instalação humana, reflete a influência de diversas tradições que acreditavam que a criação do mundo deu-se também a partir de um centro. Podemos então, afirmar que a criação das cidades deu-se de forma análoga a criação do universo, da cosmogonia do mundo. A cidade construída à *imago mundi*. Vemos na tradição mesopotâmica, a própria criação do homem correspondente a essa mesma cosmogonia – o homem criado do “umbigo da terra”, como microcosmos.

Eliade enumera três noções provenientes do simbolismo do centro: a primeira sendo o centro o ponto intercessor entre os níveis cósmicos, na segunda, o centro como representante do espaço hierofânico e real, e por último, o centro como ponto de início da criação. Nota-se aqui, que a idéia de centro entre as construções forneciam as imediações geográficas onde eram instaurados o espaço e o tempo sagrados.

4 - CIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Em uma outra face, contemporânea, presenciamos a experiência do homem urbano com a cidade e com os fenômenos da natureza, de forma muito distinta das observações de Coulanges e de Eliade. Percebemos uma espécie de estranhamento do homem contemporâneo mediante a natureza e o mundo sensível, onde este não mais se identifica com a natureza - seus elementos foram substituídos por artificialidades que fazem com que não reconheçamos mais nossas origens. O homem moderno criou para a cidade uma geografia urbana do afastamento, uma arquitetura das cidades projetadas para que as coisas circulem com maior velocidade, num fluxo contínuo e acelerado de almas que não se encontram, não se conectam umas com as outras e com o mundo.

Muros altos, grades, equipamentos de segurança, pistas de alta velocidade, que nos dizem esses artifícios? Para que servem? Que utilidades têm na cidade contemporânea? É erigida uma espécie de cidade intocável. Sofremos com os efeitos desagradáveis e vertiginosos que nos atravessam nas cidades e que produzem os mais diversos efeitos sobre as subjetividades – do medo, do afastamento, do confinamento, do individualismo. Talvez o lema das cidades atuais seja “circule e tema”. As formas das coisas refletem a alma; a forma das cidades expressam a maneira como lidamos com nossa existência e com o mundo. As subjetividades e a arquitetura das cidades constituem-se no mesmo ritmo, um movimento de insensibilidade mútua que afeta a alma do mundo.

Em *A prática da psicoterapia* (1988), Jung pontua a necessidade da psicoterapia ajustar-se aos acontecimentos sociais, num momento de caos ideológico e político na Europa, alertando a impossibilidade de um tratamento da alma que separe uma parte das outras, que separe o “eu do mundo”, a alma humana da *anima mundi*, que reduza o todo em partes. Não vemos sentido, como Jung, numa atitude clínica “personalística”, que tenha como proposta terapêutica fragmentar para cuidar, separar para agrupar. A crítica que aqui colocamos é a da necessidade de ampliação dos horizontes e demarcações dos olhares da psicologia sobre o indivíduo e sobre o mundo.

Este tipo de psicologia só vale até onde vai o aspecto pessoal do ser humano. Mas, na medida em que o homem também é um pedaço do mundo, ele traz o mundo, isto é, algo de suprapessoal ou de impessoal dentro de si. Isso implica toda uma infra-estrutura física e psíquica, na medida em que se trata de uma realidade preexistente (1988, p.91).

A essa realidade preexistente, o pensamento junguiano refere-se como arquétipos. Uma matriz inconsciente e coletiva que compõem uma estrutura psíquica coletiva, onde se formam um sistema de imagens que podem apresentar-se naturalmente independente do tempo e do espaço. Trata-se de uma estrutura de sentidos, uma estrutura de organização do real enquanto experiência.

5 - ANIMA MUNDI

Encontramos na definição de *anima mundi* proposta por Hillman, uma posição clara e bem definida de uma reflexão psicológica que nos leva a pensar a psicologia muito além dos limites e das demarcações de sua vertente especificamente clínica. Propõe nesse sentido uma psicologia que tenha como norte a prerrogativa da alma do mundo, incluindo a cidade, o urbano e o mundo como campo psíquico de experiências subjetivas que nos sensibiliza. Partindo da noção dessa inseparabilidade entre a alma do mundo e alma do indivíduo - onde é restituída ao mundo uma realidade psíquica - somos levados a refletir sobre o devir dos objetos dispostos no mundo, mais especificamente nas cidades e sua importância psicológica.

Acreditamos que os objetos situados nas dimensões urbanas sensibilizam o campo psíquico individual que constantemente são anunciados na clínica. Hillman aponta que essas queixas quando surgem na clínica são “realísticas”, no sentido de que estão paralelas ao mundo exterior e não como fenômenos de uma apercepção intra-subjetiva.

Nesse sentido, a posição do autor nos possibilita imaginar e refletir sobre as interfaces dos objetos do mundo de uma outra perspectiva, onde a apresentação sensorial do objeto surge como o evento que desvela seus sentidos, sua imagem interior. Incluir essa tarefa de observação nos olhares da psicologia é uma tarefa que exige algumas revisões epistemológicas da própria construção da psicologia como ciência. Hillmann vê uma possibilidade de superação dessa dicotomia a partir da noção de alma do mundo do platonismo – a alma como uma imagem visível dos objetos. Referimo-nos aqui as evidências dos formatos, das cores, odores que nos são apresentadas. O mundo e as coisas nos reclamam através de suas fisionomias e a atitude de pensar sobre esses enunciados – de imaginar o mundo – retorna a alma aos objetos, “anima o mundo”.

A investigação do psíquico nessa perspectiva é inerente uma postura que acolha um tipo de reação e de observação estética ao mundo, que não separe a alma do mundo da alma individual. Nesse sentido, nos aproximamos da noção de *cosmo* desenvolvida por Platão, onde a alma do indivíduo é indissociável da alma do mundo e as alterações no psíquico humano alteram o funcionamento da psique coletiva. Compreendemos que essa noção nos oferece uma possibilidade compreensão do psíquico num horizonte de possibilidades mais abrangente do que as formas mais tradicionais desenvolvidas pela psicologia profunda subjetivista.

6 – AISTHESIS

Sobre essa reapropriação estética do mundo e o reconhecimento da interioridade das coisas, Hillman nos auxilia quando apresenta sua concepção e desenvolve o termo *aisthesis* que significa em sua origem grega, inspirar ou conduzir para dentro as reações estéticas das imagens que nos são apresentadas, em um movimento de apreender imagens através do coração. Uma forma de compreensão do mundo que é correspondente as emoções que o próprio mundo desperta, onde não se separa o imaginar e o sentir as coisas. O autor não se refere aqui a um “subjetivismo sentimental” ou a uma perspectiva simplista dos sentimentos do corpo, mas a um coração desperto a *anima mundi*, um coração imaginativo e sensitivo. “O movimento para o coração já é um movimento de *poesis*: metafórico, psicológico” (p.18).

Essa reação estética a qual se refere Hillman está relacionada com a noção *aisthesis*, a forma como conhecemos o mundo – nossas percepções e sensações – uma noção que se diferencia do sentido de embelezamento estético das formas. A alma do mundo é presentificada pela imagem.

No âmbito da psicoterapia, a atividade estética seria também pensar o mundo com o coração, um tipo sofisticação da percepção do terapeuta que seja sensível às personificações da *anima mundi*. Dessa forma, para que se estabeleça uma alma saudável, é inerente uma reação estética, sensível aos detalhes, aos eventos do mundo.

Vemos que a reação estética ocorre no mesmo ritmo das contrações do mundo – uma forma de compreensão do psíquico se equivale à forma de compreensão das manifestações da alma.

7 - CIDADE E IMAGEM

Que imagem fazemos das cidades onde vivemos? Quais suas influências sobre o psíquico, sobre o imaginário? Que imagem mental fazemos de nossas cidades?

Kevin Lynch (1997), afirma que a construção da imagem do ambiente é resultante do processo de interação entre a pessoa e o ambiente observado que apresenta algumas especificidades, enquanto a pessoa que o observa seleciona, organiza e atribui sentidos ao que percebe.

Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes.

A coerência da imagem pode manifestar-se de diversas maneiras. No objeto real, pode haver pouca coisa ordenada ou digna de nota, mas ainda assim a sua imagem mental terá adquirido identidade e organização através de uma longa familiaridade com ele (p.7).

O autor nos chama atenção quando pontua que, embora a construção dessas imagens sejam individuais, sua perspectiva de investigação aponta para um consenso substancial entre observadores de um mesmo grupo de habitantes, de uma mesma cidade, da mesma realidade física. Quanto à estrutura dessas imagens, Lynch identifica três componentes que sempre estão presentes em sua análise sobre as imagens: a *identidade*, que a distingue das outras coisas e lhe confere um sentido único; a *estrutura*, que inclui a relação do objeto com outros objetos além do observador e o *significado* que indica seu valor emocional ou prático. Com relação à identidade e a estrutura da imagem, o autor nos apresenta a noção de *imaginabilidade*, uma característica física do objeto que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado.

8 - CONSIDERAÇÕES

Que nos dizem as cidades através de suas aparências, suas ruas e construções? Em que medida a psicologia se ocupa da compreensão dos sentidos do mundo? Nesse sentido, nossa pesquisa objetiva contribuir para uma reflexão que também tenha como objeto a alma do mundo. Isso, de certa forma, envolve rediscutir e incluir a cidade como também foco e objeto de análise da psicologia.

O desafio que aqui se instaura é o de assumir uma forma de compreensão da alma, da existência do homem que realmente consiga superar essa dicotomia, uma clínica do sujeito que seja uma clínica do mundo. Dessa forma, a direção do cuidado clínico não seria cuidar do sujeito ou cuidar do mundo, cuidar da alma seria simultaneamente cuidar desse ser no mundo.

O que as experiências nas cidades atuais têm haver com as experiências do homem arcaico? Pensando dessa forma, avistamos uma possibilidade de reapropriação e articulação com sentidos que antes poderiam não estar colocados para o indivíduo. A relação com a cidade constitui o próprio campo de relações do que o indivíduo é em sua existência.

Acreditamos, como Hillman, que a *anima mundi* se restabelece ao mesmo passo em que se restaura a cidade, quando ouvimos suas vozes, olhamos suas aparências e nos esforçamos para tentar entender o que não se deixa ler.

9 - REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Luís Antônio dos Santos. **As cidades da falta**. In: Silva, A. et alli. (org) *Subjetividade: questões contemporâneas. Saúde e Loucura 6*. São Paulo: Hucitec, 1997.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, Gullar. **Toda Poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HILLMAN, James; VENTURA, Michael. **Cem anos de psicoterapia...e o mundo está cada vez pior**. São Paulo: Summus, 1995.

_____. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência.** Obras Completas, vol. XVI/1. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Aspectos do drama contemporâneo.** Obras Completas, vol. X/2. Petrópolis: Vozes, 1990.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra.** Rio de Janeiro: Record, 2008.